

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado de Sergipe

Aracaju - SE, 26 de julho de 2007

Meus queridos companheiros e companheiras do estado de Sergipe,

Meus queridos companheiros da cidade de Aracaju,

Meus amigos, eu queria, Marcelo Déda, que a gente se colocasse de pé para prestar uma homenagem, com um minuto de silêncio, às vítimas da tragédia do voo 3054 da TAM, que deixou 200 mortos em São Paulo.

Muito obrigado a todos, companheiros e companheiras.

Meu querido companheiro Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil da Presidência da República e coordenadora do PAC,

Meu companheiro Márcio Fortes de Almeida, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Meu caro deputado Ulices Andrade, presidente da Assembléia Legislativa de Sergipe,

Desembargador Cláudio Déda Chagas, presidente em exercício do Tribunal de Justiça de Sergipe,

Meu caro Edvaldo Nogueira, prefeito de Aracaju, em nome de quem eu quero saudar todos os prefeitos e prefeitas aqui presentes,

Meu caro companheiro senador Antônio Carlos Valadares,

Senador da Paraíba, José Maranhão,

Deputados Antônio Carlos Valadares Filho, José Iran Barbosa Filho, Manoel Júnior e Eduardo Amorim,

Meu querido companheiro Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu caro Élvio Lima Gaspar, diretor da área social do BNDES,

Meu querido companheiro Déda, ele nunca foi ex-presidente da República, mas presidente da Petrobras, o José Eduardo Dutra,

Minha querida companheira Maria Izabel Lima Cangirana, representante da Central de Movimentos Populares – CNP,

Meu caro Alex Barreto Santos, representante da União Nacional de Moradia Popular.

Eu queria começar dando um recado, tanto para a Maria Izabel Lima Cangirana quanto para o Alex Barreto, que representam os movimentos sociais na área de urbanização e na área de saneamento básico. Eu estava neste palanque conversando com a ministra Dilma e com o ministro Márcio, e disse que os 2 bilhões de reais que nós temos no FNHIS, que são 2 bilhões para habitação de interesse social, foram uma conquista do movimento social com aquela emenda popular, a primeira emenda popular aprovada no Congresso Nacional, que destinou esse dinheiro para que nós pudéssemos cuidar das pessoas que não podem pagar nada. E é justo, Dilma e Márcio, que na próxima semana ou nos próximos dias vocês convidem a direção nacional desses dois movimentos para que a gente possa discutir a aplicação dos 2 bilhões de reais, para serem investidos na área de interesse social.

Queria dizer aos companheiros, sobretudo aos prefeitos, vocês perceberam que aqui tem 50 prefeitos, mais ou menos, e só foi dado dinheiro para o prefeito da cidade de Aracaju. Não é verdade. A ministra Dilma disse para vocês que, além dos 2 bilhões de reais do FNHIS, também vão ser discutidas políticas para as cidades de até 150 mil habitantes. O PAC/Funasa tem três compromissos fundamentais. O primeiro deles é que nós vamos, até 2010, levar água potável e esgotamento sanitário a 90% das comunidades indígenas brasileiras, e vamos levar água potável e esgotamento sanitário para 50% dos quilombos já registrados e legalizados no nosso País. Vão sobrar, Déda, por volta de 3 bilhões e 400 milhões de reais, e com esses 3 bilhões e 400 milhões de reais nós vamos atender as cidades de até 50 mil habitantes, dando prioridade para aquelas que têm problema de malária, no Norte do País, e, no Nordeste, para as cidades e regiões que têm grande índice de doença de Chagas. Com esse dinheiro nós vamos até fazer reboco dentro das casas das pessoas, que é onde o bicho barbeiro se esconde para depois fazer a sua arte,

à noite. Então, nós vamos cuidar disso. As cidades de até 50 mil habitantes, também nesse programa do PAC/Funasa serão atendidas.

É importante deixar claro para vocês uma coisa. Eu sempre disse que no Brasil existia um tipo de político que não gostava de investir dinheiro em saneamento básico. Esse é um dinheiro, e os prefeitos sabem, que quando a gente faz a obra, não dá para escrever o nome de ninguém na manilha, porque ela vai ficar embaixo da terra. É um dinheiro que, quando a gente faz uma obra e termina, não tem onde colocar uma placa com o nome de um parente nosso, porque político adora homenagear parente, também. Uma ponte, por exemplo, tem mais visibilidade, você pode fazer um ato público para visitar uma ponte, mas não pode fazer um ato público para visitar uma manilha, porque ela está embaixo da terra.

Qual é o trunfo Déda, que vocês vão ter quando essas obras estiverem prontas? É que vocês não vão ter nenhum lugar para colocar uma placa com o nome de ninguém. Possivelmente, tem moradores que vão se mudar para aquela vila e não vão saber que foram vocês que fizeram aquela obra. Qual é o troféu que você vai poder mostrar ao seu filho, Déda, que tem 4 anos e que está ali? É daqui a 10 anos, você pegar uma criança de 10 anos de idade e lembrar que ela só está viva porque ali foi feito esgoto, porque ali foi colocada água potável. Esse é o grande troféu que a gente pode mostrar às futuras gerações. É que nós cuidamos de levar água boa para as pessoas beberem, é que nós cuidamos de fazer a coleta e o tratamento do esgoto, é que nós resolvemos tirar o esgoto a céu aberto das ruas para que as crianças pobres tenham o direito de brincar e ter saúde, para que a gente possa despoluir as praias para as pessoas andarem e tomarem banho sem pegar doença. Isso, Déda, é uma política que muitas vezes não se quis fazer no Brasil.

É por isso que nós temos um estado como este, com praias belíssimas, preparado para receber, desde gente de Garanhuns a gente da Suécia, preparado para receber qualquer estrangeiro. E, muitas vezes, a gente não oferece a segurança sanitária para que as pessoas possam vir aqui. Tem gente que gostaria que nós estivéssemos investindo esse dinheiro em outras coisas que tivessem mais visibilidade, porque no Brasil, eu volto a repetir, pobre só é lembrado em época de eleição. Em época de eleição pobre é igualzinho a um banqueiro mas, depois das eleições, o pobre é esquecido. Nós precisamos ter

consciência. Iremos pagar o preço que tivermos que pagar, iremos enfrentar os preconceitos que tivermos que enfrentar mas, no nosso governo, o pobre vai ser tratado como gente, vai ser tratado com dignidade, as pessoas terão os seus direitos respeitados. É por isso que nós estamos fazendo o investimento de 106 bilhões de reais e, só para saneamento e urbanização, 40 bilhões de reais. Eu poderia pedir ao senador José Maranhão, poderia pedir ao senador Valadares, poderia pedir aos deputados: adentrem nos computadores da Câmara e do Senado, adentrem nos orçamentos da União de todo o século passado e vejam se, em algum momento, houve um governo que colocasse a quantidade de dinheiro que nós estamos colocando para cuidar da saúde desse povo. Investir no tratamento da água, investir em saneamento básico é investir na saúde porque para cada real investido em saneamento são três reais que a gente não precisa investir na área da saúde.

Portanto, companheiros e companheiras, companheiro Déda, companheiros prefeitos e companheiro Edvaldo, o dinheiro está disponibilizado. Eu peço a Deus, Déda, que de setembro até fevereiro a gente tenha esse dinheiro contratando máquinas, gerando empregos, distribuindo renda e melhorando a qualidade de vida das pessoas. Tem gente, Déda, que não sabe o que é saneamento básico porque nunca viveu em situações adversas.

Eu digo sempre, eu nasci perto de um açude. Não era um açude, era uma cacimba, era uma coisinha pequena e, cada vez que a gente colocava o balaio no jumento para ir buscar um pote de água, a gente trazia metade de água, metade de lama, misturada com fezes de cabrito, de vaca, de cavalo, e com caramujo. Naquele tempo não tinha filtro, negócio de filtro é chique, mas não tinha. A gente colocava um pano para coar, e depois deixava aquela água assentar. Quando ela assentava, a gente tirava com uma canequinha, colocava num outro pote e ficava com um palmo de lama e de caramujo naquele primeiro pote. Era por isso que naquela época, e ainda hoje no Norte e no Nordeste, você encontra crianças pequenas com a perninha desta grossura e com a barriga deste tamanho. Eu era assim, Déda, fiquei bonito depois de velho, mas eu era assim. Cheguei em São Paulo com sete anos, as canelas pareciam as canelas de um sabiá, mas a barriga parecia a barriga de um gavião. Puro verme, doença de falta de água tratada. É por isso que as crianças perdem os dentes. Quando você anda no Nordeste e vê uma menina

de 16, 17 anos, um menino com 18 anos com vergonha de rir na frente da gente, é porque já faltam quatro ou cinco dentes. Isso é resultado da qualidade da água que eles bebem, além de outras coisas que nós estamos resolvendo com o Brasil Sorridente.

Então, Déda, o que eu quero de você, na verdade, o que eu quero de você, Edvaldo, o que eu quero dos prefeitos – esse dinheiro está disponibilizado – pelo amor de Deus, vamos transformar esse dinheiro em água tratada, em saneamento básico, em urbanização de favelas, para que a gente possa melhorar a vida do nosso povo.

A todos vocês um grande abraço, eu voltarei em Sergipe para inaugurar a primeira obra. Voltarei aqui para inaugurar a primeira obra com o povo. Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.